1.º anno | Lisboa, 25 de agosto de 1884 | Numero 9

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Acabamos de apagar do frontespicio d'este semanario um nome que nunca se nos apagará da alma:—Gastão da Fonseca.

Tinha sido ali escripto por mão amiga, logo no primeiro numero, havia ali sido impresso como affectuoso testemunho de boa e velha estima, d'essas que se enraizam com o doce convivio de todos os dias no labor da imprensa, que crescem sempre, sempre, na reciprocidade fraterna de confidencias muito intimas, de pequeninos serviços, d'uns nadas minusculos, cuja somma representa cabedaes inapreciaveis de dedicação, de solicitude e de carinho.

Gravando-o na pagina de honra d'este semanario, cumprimos um dever prescripto pela mais santa amisade; suavisámos, talvez, por instantes o amargor d'aquella existencia já prestes a sumir-se nos ambitos do cemiterio, galvanisámos momentaneamente aquelle quasi cadaver, que tinha a nevrose da litteratura, a embriaguez tenaz e incuravel do jornalismo.

Já então sabiamos que era impossivel esperar alguma coisa da sua penna vacillante e esteril. Dos moribundos não se espera mais que uma visagem—a photographia dos horrores do tumulo—e um «ai» fugitivo—o ultimo lampejo d'uma luz que se extingue.

Em todo o caso, o pallido agonisante saudou com o melhor dos seus sorrisos a apparição d'estas oito paginas alegres, que, para assim dizer, lhe entornaram nos pulmões escaldados e ulcerosos todos os embriagantes perfumes d'um dia de primavera. Viu o seu nome entre muitos outros, ao alto da folha, sobre uma formosa gravura que lhe fallava de coisas campezinas, e os labios descerraram-se-lhe sorridentes, e os olhos amortecidos animaram-se-lhe por uma subita faiscação de regozijo, e a sua fronte desbotada e livida colorio-se por momentos, para se tornar logo depois mais pallida ainda.

Não que elle fosse dado a vaidades ridiculas; não era. Aquella doce alegria inspirara-se, apenas, na certeza de que o não esqueceramos, e na illusoria esperança que o affagava de poder aqui vir auxiliar-nos, como nos auxiliara, em tempos, n'outras publicações de indole diversa, com a sua penna auctorisada, honesta e vigorosa.

LÁ VEM TEU PAE! (Quadro de Sadée)

Pobre Gastão!

Hoje tivemos de passar um traço por cima do teu nome honrado, como ha dias a morte fez passar a sua mão gelada por sobre o teu corpo decomposto e exanime.

Esse traço negro não significa, porém, que te esquecemos, banindo do espirito a tua memoria saudosissima. E' costume a piedade dos que ficam ir lançar um punhado de terra na campa dos que se vão para sempre, sem por esse facto riscarem da alma as suas imagens venerandas e estremecidas. A nossa estima fez quasi o mesmo por ti, reservando para o teu nome um logar onde ninguem mais do que nós poderá soletral-o—o coração.

Nos seus aureos tempos de boa saude e de bom humor, Gastão da Fonseca dispunha de uma veia humoristica impagavel: satyrisava os ridiculos da sociedade burgueza, como poucos, mas fazia-o delicadamente, com finura, calçando luva branca immaculada, empregando uma graça exhuberante de perfume, que era só d'elle, que não tinha atavios d'emprestimo, nem pornographias de contrabando.

Os numeros carnavalescos do *Diario Illustrado* eram sempre confiados á sua direcção intelligente, e sahiam do prélo, galhofeiros como *pierrots*, scintillando graciosidade e humorismo.

Os seus versos, despretenciosos e facetos, acudiam-lhe aos bicos da penna com uma facilidade assombrosa, e sempre folgasões e sempre correctissimos. A sua prosa fluente e castiça, um pouco vasada nos moldes antigos, distinguia-se pela mais rigorosa vernaculidade.

Gastão da Fonseca votava um odio intenso e profundo aos gallicismos. Se o queriam ver arreliado era atirarem-lhe ao papel o vocabulo *réclame*. Tinha logo impetos de colera: vibrava uma objurgatoria tremenda contra o seu melhor amigo, se elle fosse capaz de perpetrar aquelle monstruoso delicto.

Um simples erro de revisão atormentava-o, como se fôra o mais condemnavel dos desacatos.

Ha dias, já minado pela phthisica irremediavel que havia de prostral-o, já completamente perdido para o jornalismo, para a familia e para a sociedade, escrevia-nos Gastão meia duzia de linhas tortuosas e quasi inintelligiveis, protestando contra o desleixo do revisor, que deixára escapar um *esplendido* com *x*!

Foram estas as ultimas lettras que d'elle recebemos, o derradeiro protesto d'aquelle purista intransigente contras as diabruras da revisão pouco meticulosa.

No trato intimo Gastão era um amigo leal e um conversador attrahente. Conhecia uns poucos de idiomas, desde o seu, em que o reputavamos mestre, até ao grego, que estudara com particular predilecção. Narrava dezenas de casos engraçadissimos, e dispunha de uma erudição fóra do vulgar.

De resto, o nosso infeliz companheiro dizia-se fatalista, e era-o. Por mais que fugisse dos perigos, levando a vida serena de quem envelhecera precocemente no trabalho sem treguas, os perigos vinham ter com elle, apresentavam-se-lhe de frente, quando menos o suppunha, ameaçadores e terriveis.

Pacifico por indole, insusceptivel de promover desordens e de se envolver n'ellas, ia pacatamente para os seus penates, na celebre noite da bernarda do Passeio Publico defuncto, e a feroz municipal acutilou-o, sem ao menos lhe dizer o porquê do rude commettimento.

Gastão não morria d'amores pelas touradas e não as frequentou nunca, tendo sempre esta phrase para responder ás narrativas apaixonadissimas dos *aficion ados di cartello*:

—Não ha de ser um touro que me cause o mais leve damno, porque não assisto ás corridas!

N'um sabbado, recolhendo tambem a casa, despreoccupado e tranquillo, depois de ter repetido mais uma vez aquella phrase, em palestra de redacção, achou-se com um boi estramalhado pela frente, e viu-se na dura necessidade de o capear com a sobrecasaca, fazendo, a horas mortas, prodigios de *toreador*, em plena calçada de Sant'Anna.

D'essa vez, agil e robusto, poude escapar á sanha do toiro fugitivo; agora, alquebrado e anemico, não teve forças para reagir contra a morte esmagadora, e cahiu vencido, ao cabo de uma lucta que durou mezes.

Infeliz e pobre amigo!

Esta chronica, que se destinava ao registro de coisas alegres, picantes e ligeiras, a esfaziarem, como fogos de Bengala multicores, pelo papel fóra, tornou-se de repente, por um dever respeitavel de boa camaradagem jornalistica e de saudade immorredoura, triste como uma elegia, lugubre como um cemiterio.

Eu comprehendo que o egoismo natural e perdoavel dos que me leem, não queira saber das magoas do chronista, para só exigir d'elle uma resenha de factos amenos, constellada de bons ditos e de facecias espirituosas. Todavia, fallar dos mortos illustres é uma obrigação imperiosa de quem sabe apreciar-os, e nós cumprimo-l'a gostosamente, em riscos, mesmo, de affrontar os doestos da leitora gentil, que espera de nós a narrativa de qualquer pequenino escandalo, no seu microscopico *boudoir* forrado de setim azul e oiro.

Que se estreiou uma companhia de gymnastas e acrobatas no Colyseu, já toda a gente o sabe.

Acerca do valor dos artistas tem-se ahi dito, na imprensa diaria, muita verdade e muita mentira.

Uns chamam-lhes *incomparaveis*, outros põem-nos pelas ruas da amargura.

Nós optaremos pelo *juste milieu*, alcunhando-os, simplesmente, de mediocres.

Mediocres os *clowns*, abusando do trambolhão brutal como ultimo recurso para excitar a gargalhada; mediocres os Osranis que arranham muitos instrumentos e todos detestavelmente; mediocres os voadores Mayol, a mulher que engole sabres, a pequena que anda por arames, e o encasacado mr. Rudolph, que imita o canto do rouxinol, e traz a lapella cheia de veneras, cuja authenticidade é tão discutivel como as imitações.

D'esta classificação excluiremos, pelo seu merito, o habilissimo gymnasta Pialrã, o prestidigitador da *troupe* e um desenhador repentista, que faz caricaturas ás avêssas, com graça e presteza.

O tal mr. Rudolph, esse, é mais que mediocre: é insupportavel com as suas veneras, a sua casaca e o seu flauteado.

Conta-se que certo personagem *hautement placé* da França, pouco dado a cortezanias palacianas, ouvindo um dia cantar Maria Antonietta, dissera d'ella, com o mais completo desassombro:

—Para uma rainha, canta muito bem!

Nós, paraphraseando este bom *mot*, diremos ao senhor Rodolpho:

—Para quem tão mal flautea, são de mais as medalhas com que adorna o peito.

Mas emfim, *faute de mieux*, valham-nos o Colyseu, os manu-flautistas e os *clowns* grotescos, embora mediocres e desgraciosos.

A questão dos *alagadiços* vae declinando de intensidade nas nossas gazetas politicas, como o cholera no territorio da França.

Agora, para amenisar, suscitam-se duas outras questões, novas em folha: uma não menos salgada—a do sal—e outra não menos indigesta—a dos milhos.

Quasi extincta a dos alagados algarvios, o illustre ministro da marinha foi para as Caldas. Iniciada a discussão dos cereaes das ilhas e do chlorureto de sodium aveirense, está na berlinda o nobre ministro da Fazenda.

E o calor a flagellar-nos...

Parece-me que foi Boileau quem disse:

«Tout homme a, dans son choeur, un cochon qui sommeille.»

Este pensamento profundo, revela, sob a mais expressiva das formas, que ha em todo o ser pensante uma besta: que a referida besta accorda de tempos a tempos, e que devemos fazer-lhe certas concessões, supportando com paciencia as estopadas do proximo.

Todavia, tudo tem o seu limite. Estes sacrificios feitos em prol da fraqueza humana, não devem levar-se até ao ponto de perdoar ás folhas politicas, pelo pino do verão, n'uns dias abafadiços e já de si estopantes, o abuso das questões que para ahi nos fornecem, cheias de sal... e tresandando a lodo mal cheiroso.

Oh! A politica!

C. Dantas

RIVAES

Eu tenho duas amantes,
O primor das margaritas;
Duas estrophes brilhantes
Por um Deus na terra escriptas.

Uma é loira, timorata;
E mais fria e taciturna
Do que os noivos da ballata
Da triste canção nocturna.

Tem no labio um riso honesto,
Nos olhos um ceu tranquillo;
E no marmoreo do gesto
Vencera a Estatua de Milo.

Por um só ramo de flores
Deu-me em troco o amor das valsas;
Mas no lago dos amores
Ja me vou nas ondas falsas!

A outra, alegre e ruidosa,
Não como Elvira, a flor branca,
Dobrara a paixão vaidosa
De Jorge de Salamanca.

Ninguem, se a vir, que não peque,
Ninguem, se a vir, que não sinta,
Por beijar-lhe a mão e o leque
Uma volupia faminta.

Por um só ramo de flores
Deu-me as honras de seu pagem;
Mas no lago dos amores
Ja vou perto da voragem!

Eu tenho duas amantes,
O primor das margaritas;
Duas estrophes brilhantes
Por um Deus na terra escriptas.

João Penha

PERFIS

II

PAULO DE KOCK

Só de lhe lêr o nome, já a gente desata a rir! Em todos os tempos os francezes fizeram coisas notaveis: deitaram thronos de pernas para o ar, ateiaram revoluções, ganharam e perderam imperios; mas lá como o *Coitadinho*, isso é que nunca fizeram nem tornam a fazer!

Paulo de Kock não foi só o romancista mais popular de França e de Navarra: foi-o do mundo inteiro. O chiste dos seus romances estava logo no titulo, *Este senhor*, *Sem gravata*, *o Filho de minha mulher*: a graça dos personagens principiava-lhes no nome e no emprego: era o Robineau, era o Robinet, era a Fifina, era a Zizina: e um faz barretes, o outro é confeiteiro, este pinta taboletas, aquelle faz lamparinas, e negociante de melaço, é salchicheiro: todos ás cambalhotas, caem d'aqui, d'acolá se levantam, em grande risóta, a tirarem o fato a maior parte do tempo—mesmo aquelle que o pudor inglez chama indispensavel...

Nunca mais se esquecem aquellas ranchadas: estão a ver-se os chalinhos, as toucas das *grisettes*, as botas de cutim cru, a agua furtada, as idas ao campo, o amor de burrinho, a trotar pela floresta de Montmorency...

Fica cada um a lembrar-se do sr. Dupont, de Georgeta, da leiteira de Mont-fermil, de Gustavo, gente que andava aos tombos, mas que sabia cair como soldados de cartas, sem se fazerem mal, e por cima da loiça, por cima de tudo, de cabeça para baixo e pernas paro o ar, pelos telhados, pelos subterraneos, pelos esconderijos!...

Grande homem, que inventou os burguezes e os sucios, deu lingua aos patuscos, aos lojistas, aos vendilhões, ás adellas, á rapasiada: e só não fez caso dos ladrões, deixando-os ao Ponson du Terrail para viver d'elles e tirar subsistencia e fama d'essa cambada fosca e suja!

Ao comprar um romance d'elle tinha-se a certeza de estar umas poucas de horas a rir: não com aquelle riso delicado, que volteia por um momento nos labios e foge, mas o riso grosso e espalhado da jovialidade caseira. Sabia aquelle homem animar os seus personagens com uma vida meia brutal meia phantastica: eram caricaturas a carvão, n'um muro tosco, mas que tinham os toques de artista.

São verosimeis aquelles casos? São verdadeiros: a verdade nem sempre é verosimil. Quantas coisas por ahi succedem, que parece serem de Paulo de Kock! Não ha ninguem, que não conheça alguns d'aquelles typos de os ter encontrado: que não haja assistido a alguma scena, que lhe caberia a elle por direito de invenção. Querem um exemplo? Eu lh'o vou dar já.

Não nomeio o sujeito, porque não é de uso apontar a dedo: mas chamemos-lhe o *sujeito*. Tem sido um caçador de dotes: tem passado a vida a requestar ora as inscripções do pae de uma, ora os predios do pae de outra, sempre em procura de uma posição... marital.

Talvez cuidem que é por ser feio que ainda não apanhou nada? Não é tal: insignificante sim, mas pendendo para bonito.

Andava fazendo a côrte a uma menina, que não parecia insensivel ás suas attenções, e chegou a fazer inveja a uns rivaes que juraram pregar-lhe alguma. Passava-se isto no meio de um verão, no campo—onde a menina estava com a familia a ares. A familia tinha muitos visitas, como succede sempre nas casas em que ha herdeira rica.

Era gente agradavel: passeavam, umas vezes a cavallo, outras a pé: tocava-se piano, conversava-se: passava-se bem:—entretanto, apesar do bem tratado que ali se era, obrigavam ás vezes as conveniencias a privar-se uma pessoa das commodidades mais indispensaveis á vida...

De uma vez, iam todos passeando de ranchada: estava o tempo lindissimo, puro, sereno: ceu sem nuvens: banhava-se a terra n'uma atmosphera de mocidade e d'amor; renascia, sorria tudo na natureza: tudo, excepto o *sujeito*, que havia já um pedaço que se achava absorto em cuidados, como que contrafeito, olhando para um lado, para o outro, olhando principalmente para os cantos, até que descobriu um coio que lhe agradou, e esquivou-se com tal presteza que nem se deu pela sua ausencia. Talvez que fosse melhor, n'este ponto da historia, deixarmol-o nos... ir só. Mas, não ha remedio senão seguil-o!

Só passados instantes, os *amigos*, para não dizermos os rivaes, principiaram a scismar no que teria elle ido fazer. Para o *sujeito*, no entanto, ia tudo o melhor possivel e não seria capaz ninguem de ir dar com elle na balseira onde estava encoberto, a não ser uma circumstancia fortuita que revelou aquelle segredo cheio... de horror.

Chamam-se flósas uns passaros pequeninos, muito mais pequenos até do que pardaes, que dão o cavaco por depenicar figos. Junto do tal esconderijo de silvados onde se occultára o *sujeito*, havia uma figueira, e as maganas das flosas deu-lhes n'aquella occasião a vineta de se irem a ella

Avista-se um dos do rancho, e diz ás senhoras e aos homens:

—Olhem que de flósas, além! Quem vae atirar-lhes, sou eu!

Ainda as senhoras disseram que deixasse os passarinhos, que não fizesse mal a quem é vivente, que é ter mau coração ser caçador: mas o homem, teimoso, vae n'um pulo buscar a espingarda, volta, faz pontaria, e ia já o tiro a partir quando o *sujeito*, espreitando pelas silvas da balseira, vê o perigo que ameaçava a sua estimavel pessoa.

O medo faz esquecer as precauções mais necessarias. O homem não se lembrou de mais nada senão do tiro, e largou a fugir com quantas pernas tinha. Por não haver outro retiro, e ser tudo descampado, teve de ir correndo por alli fóra, um pouco á fresca e sem ceremonia, como se o tivessem ido accordar á cama no melhor do seu somno.

Imaginem que risota, que caçoada, que falsa posição para o *sujeito*, a quem a menina nunca mais poude vêr sem rir, a quem toda aquella gente ficou chamando «o flosa,» por ter estado por um triz a ser caçado, e que teve de renunciar a conquista e voltar para Lisboa conversando com os seus botões... já mettidos nas casas.

E' isto ou não é um verdadeiro capitulo de Paulo de Kock, e uma scena que parece copiada de qualquer d'aquelles romances excepcionaes, anomalos, subversivos, mas de que toda a gente gosta, porque os leitores são como a fortuna—gostam dos audaciosos, e não ha ninguem que não tenha rido com aquellas farcadas titanicas, prometheseas, que revelam posses de gigante na amplidão e na ratice, aquillo a que a gente costuma chamar uma bôa asneira, que vale mais do que chalacinhas laboriosas e delambidas!

Andaram por ahi os tolos a querer espalhar d'elle a fama de immoral. Fortes virtuosos! Vejam se a alegria é immoral, e se é immoral o quadro da mocidade galhofeira e sadia, raparigas ageis e coradas, e rapazes que são umas flôres, sempre contentes, quer tenham dinheiro quer não, engraçados, namoristas, tropa de leva, jovial e intrepida, salta aqui, salta alli, gostando de mulheres que se pélam, e não fazendo mal a ninguem. Isso é lá ser immoral—grandes asnos!

Paulo de Kock fez ganhar muito dinheiro, no nosso paiz, ao traductor Nery—que vivia a tal ponto dentro da pelle d'elle, que se fez um dia romancista por sua conta e risco, e sahiu-se com o romance dos *Oculos da Velha*; mas Paulo de Kock é que não o traduziu a elle, creio eu, para não fundar uma amisade litteraria... tradu*c*tional!

A fabrica de papel da Abelheira, as typographias, os distribuidores de cadernetas, os broxadores, os livreiros, toda essa gente, durante annos, comeu e bebeu da *Irmã Anna*, do *Homem dos tres calções*, da *Magdalena*, da *Mulher, marido e amante*. Nos gabinetes de leitura custava a dar aviamento a quem pedia *A Casa branca*, o *Barbeiro de Paris*, *Nem sempre nem nunca*, *Um rapaz encantador*, o *Amante da lua*: era a loja cheia de gente a gritar pelo *Homem da natureza*, e pelo *Visinho Raymundo*.

Ali mesmo faziam conhecimento uns com os outros—os leitores de Paulo de Kock ficaram para sempre amigos!—e cada um lembrava seu caso, largando todos ás gargalhadas quando se citava o entornar dos espinafres nas calças brancas, o gato pendurado á campainha da porta, ou aquella desculpa do marido quando a mulher o achava sem a camisa de malha—«E' que me esqueceu em casa do tabellião!»

O retrato que este semanario hoje publica não mostra o alegre romancista em rapaz, porém já o pensador de olhar reflectido, onde póde adivinhar-se a melancholia que n'alguns dos seus romances se revella, na *Irmã Anna*, por exemplo. Reparem bem n'essa agradavel physionomia, rosto franco e bom, bocca alegre, testa alta: está velho por fóra, por dentro foi sempre moço, e nunca aquelle espirito quiz saber de fatalidades romanticas, de complicações sinistras: idéa firme, phrase clara, estylo á moda de mil diabos, mas rapido, dizendo o que quer dizer, e elle ahi vae!

Em nenhuma litteratura se encontra auctor, que equivalha ao francez Paulo de Kock. Ha, em muitos paizes, um ou outro pintor de realidades alegres, ha contistas chistosas, ha poetas de chocarrices: mas em nenhum ha o talento e a originalidade que o distinguiam.

JULIO CESAR MACHADO.

UMA DECLARAÇÃO D'AMOR (Quadro de Silvio Rotta)

NÃO TE ASSUSTES, FILHA! É TEU IRMÃO

(Quadro de Franz Verhas)

ULTIMOS PREPARATIVOS DO PAPAGAIO (Quadro de A. Heyn)

SONETO DA DECREPITUDE

Quando eu tinha vinte annos saluberrimos,
Andava sempre a declarar ao mundo
Que tinha cans, e um dissabor profundo,
E dentro d'alma uns espinhaes asperrimos.

Certos criticos, juizes integerrimos,
Sorriam das canções do moribundo;
Pois viam no meu rosto rubicundo
Uns bocios brazileiros e uberrimos.

Que tempos! que saudades! que tolice!
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado
Sob o peso da tremula velhice,

Não digo que estou velho nem cançado;
E não gosto, se sei que o leitor disse
Que o meu bigode já reluz pintado.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

AS NOSSAS GRAVURAS

LÁ VEM TEU PAE!

Ainda que a neblina tolde o horisonte e as sombras da noite comecem a desenrolar-se sobre o oceano infinito, aquella pobre mulher não deixa de distinguir nunca a velinha branca e bem talhada do pequeno batel, onde o seu companheiro angaria o sustento dos filhos na pesca laboriosa do alto mar.

Entre mil outras velas similhantes, que cortam a monotonia azul do oceano com a sua alvura immaculada, ella conhece sempre a da formosa lancha em que se lhe vão os olhos!

Mal a vê branquejar ao longe, depois de passar longo tempo na praia á espera do marido, diz logo para os filhinhos, como agora, n'um alvoroço indiscriptivel:—Lá vem teu pae!

E o rosto inunda-se-lhe de alegria suavissima; e o pequenito que traz ao collo apanha, por conta dos beijos que o pae ha de levar, um osculo demorado e retinido.

UMA DECLARAÇÃO D'AMOR

Em pleno quintalejo á beira mar, pela hora do sol posto, entre flores e petrechos de pesca, sob um ceu azul, muito azul, aquella declaração d'amor não deixa de ter a sua poesia.

Elle é um rustico; tem os labios mais affeitos á nicotina corrosiva do cachimbo que á doce ambrosia dos beijos, mas assim mesmo rustico, sente lá dentro um coração a bater-lhe d'amor pela formosa cachopa, cujas mãos de fada sabem rendilhar, na fina cambraia, uns arabescos do mais bello e artistico lavor.

Ella, conscia talvez da sua grande superioridade sobre o rude Almaviva das praias, não se mostra muito propensa a acceitar-lhe os galanteios, mas emfim, o rapaz promette leval-a á egreja, e as coisas lá se hão de arranjar pelo melhor, acabando a bella por declarar-se rendida.

ULTIMOS PREPARATIVOS DO PAPAGAIO

Uma faina que tem durado compridas horas!

Tudo trabalha n'aquelle pequenino congresso de garotos, muito mais pratico, talvez, que o congresso de Versailles ou que a mallograda Conferencia egypcia.

Trata-se de confeccionar um papagaio elegante e garrido, muito vistoso no seu papel almasso novinho do trinque e na sua bella cauda cheia de feitios, que faça o desespero de todos os rapazelhos invejosos da aldeia.

Um delineou os moldes; outro cortou; o mais novo forneceu o fio que ha de elevar aquelle impavido explorador dos ares a alturas incommensuraveis.

Agora, dão-lhe os ultimos toques e enfeitam-lhe a cauda com uma trapagem multicor de bello effeito, que a irmãsita desencantou na costura materna.

A obra está quasi concluida; o peior é se o boreas não sopra e se toda aquella grande labutação foi superflua...

NÃO TE ASSUSTES, FILHA! É TEU IRMÃO.

Não carece de ser explicado este bello quadro de Franz Verhas: explica-se por si mesmo; basea-se n'uma graciosa travessura dos oito annos brincalhões, capazes de todas as maldades e inspiradores das mais estravagantes loucuras.

Aquelle *enfant gâté* é o terror da irmanzinha, e não se passa um dia sem que lhe pregue qualquer peça das suas. Hoje envolveu-se n'aquella soberba pelle de tigre, e causou-lhe um susto tremendo. Amanhã lançará mão d'outro expediente, para fazer com que a pobre pequenita passe um ruim quarto de hora.

D'esta vez devemos, porém, confessar que teve graça, e tanta, que a mãe, perdida de riso, não se sentiu com forças para lhe vibrar uma reprehensão forte.

A ORAÇÃO DA PEREGRINA

Tão moça ainda e já magoando os pés nas urzes dos caminhos, em peregrinação longa e causticante!...

Realmente faz-nos scismar aquelle desprendimento das coisas mundanas, manifestado ao alvorecer da vida, quando tudo é risos e chimeras azues, quando o espirito se povôa de miragens côr de rosa e o coração regorgita de esperanças sorridentes!

Andará por ali algum amor infeliz e mal correspondido? Reflectirá aquelle olhar, profundo e triste, as magoas d'alguma paixão, que não foi recompensada com outra d'egual quilate?

Não o sabemos, e mal póde comprehender-se que o bordão de peregrino e a prece fervorosa sejam os unicos esteios a que se ampare uma creaturinha tão nova e tão gentil!

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

B. CRUZ.—Mirandella.—Póde mandar. Serão bem recebidas.

PYTHON.—Terão a sua vez. Continue.

LIBERTADOR.—De vagar se vae ao longe. Estamos ainda na base da montanha, mas havemos de chegar ao cume, descanse. O seu alvitre será tomado em consideração, pelo andar dos tempos.

A. A.—O *Canto do barqueiro* tem versos errados, e nós não queremos expol-os ás vaias da critica severa, mesmo firmados com o seu nome.

FRANCISCO AUGUSTO DE BARROS.—Porto.—A solução do 3.º problema de Xadrez, que v. ex.ª indica, é, tambem, certa. Apenas differe da nossa em ter os movimentos postos por outra ordem.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta conjuncção é ruim e vôa—1—1.

Está na musica e salta—1—1.

Redondo. J. J. SILVA.

ELECTRICAS

A's direitas moeda antiga, ás avêssas usa-se—2.

A's direitas fructo, ás avêssas cheiro—3.

A's direitas adverbio, ás avêssas na egreja—2.

A's direitas ave, ás avêssas ave—3.

Mirandella. B. CRUZ.

EM QUADRO

. . . . No sapato
. . . . Aroma
. . . . Jogo
. . . . Circulos

Elvas. ODRACIR E SEUQRAM.

LOGOGRIPHOS

Eu já vi n'esta cidade—5—2—1—8
Um animal turbulento—1—2—3—2
A guiar um elephante—6—2—5—3—4—6—8
Por meio d'este instrumento—6—2—6—7—8—5—5—4.

Diz um ditado já velho,
(Que eu jámais esquecerei),
Que—lá na terra dos cegos,
Quem tiver um olho é rei.

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

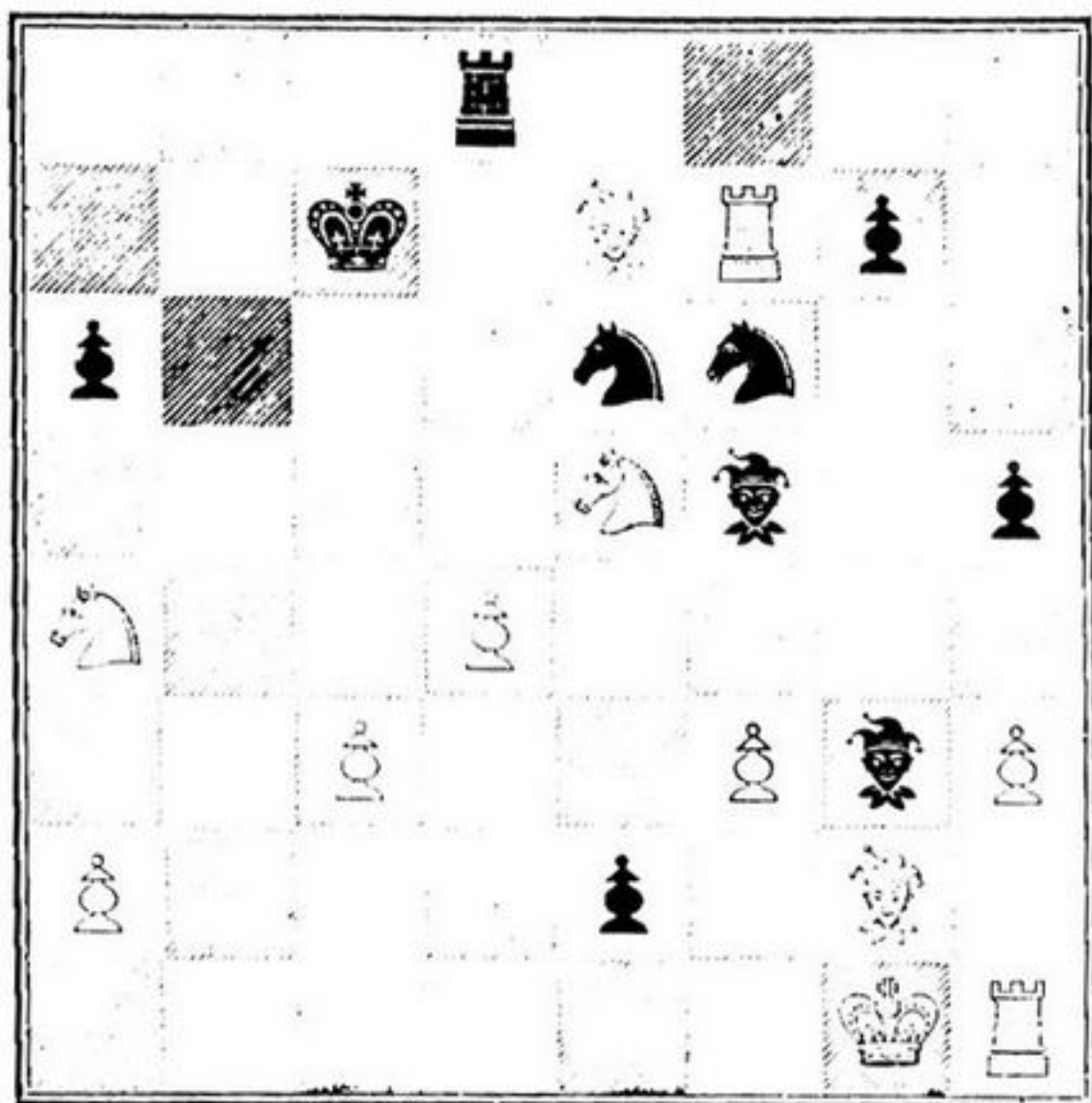
Este sujeito encontrei—8—7—6—9—1—11
De collarinho virado:—3—2—10—11—6—7
Animal representava—8—7—10—4—9
Exposto sobre um estrado.—1—7—3—9—5—6—11
Reputando-me seguro,—1—9—1—11
Por um bosque caminhei:—10—9—8—11
Mas, ao ver este animal,—3—5—2—8—11
No abysmo me lancei —3—7—5—2—1—5—11.

Para vos dar o conceito,
Inspirae-me, grande Deus!
O todo do logogripho
Pertence aos velhos Hebreus.

Tavira. PYGMEU.

XADREZ

PROBLEMA N.º 6

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

PROBLEMA

Um peregrino, subindo por um terreno arenoso, avança 2 kilometros em cada uma das horas de ordem impar, e recua 400 metros em cada uma das de ordem par. Tendo percorrido no fim da jornada 10 kilometros, deseja-se saber que tempo precisou para andar esta distancia.

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

Colhido n'um jornal de provincia:
«Um grande desgosto acaba de ferir o nosso amigo F... A sua sogra, gravemente enferma desde longos mezes, entrou em franca e plena convalescença.»

*

X... vae pelo Chiado fóra e vê assomar ao longe um dos mais celebres massadores de Lisboa.
Temendo o encontro, volta para traz, mas o massador percebe a manobra, apressa o passo e aborda-o de espaldas.
—Como vaes tu?
—Olha, agora vou com muita pressa!

*

—O melhor isolador para prevenir os effeitos da electricidade é o vidro.
—Engana-se, meu caro: é minha sogra. Fique certo de que nem um raio dá cabo d'ella!

*

Considerações de Calino sobre a festa de 24 de julho em França:
—É' necessario que o governo seja muito estupido para realisar a festa de 24 de julho no verão!

*

Na feira de Belem:
Um *gavroche* diante da barraca da mulher gigante:

—Quanto se paga para ver?
—Um pataco.
—Pois eu dou um vintem, mas prometto ver só com um olho.

*

Um commendador já velhote, que passa por ter muito má lingua e que não perdoa a mais pequenina fraqueza do genero humano, diz para um seu amigo, no Gremio:
—Você já reparou bem em F.... quando joga o *wisth?*
—Já, sim. E então?
—Não lhe parece que joga d'um modo extraordinario?
—Quererá o amigo dizer que faz *batota?*
—Não o digo apenas: era capaz de jural-o.
—Mas note que elle perde sempre!
—Precisamente por isso. Perde de proposito para dissimular as falcatruas!...

UM DOMINÓ.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.
1.ª—Parafuso
2.ª—Pegaso
3.ª—Jaula
4.ª—Cachimbo
5.ª—Madresilva

Xadrez—Solução do 5.º problema.

BRANCOS	NEGROS
1. C. 5 T. R. cheque.	1. R. 3 T. R.
2. D. 3 R. cheque.	2. P. 4 C. R. ou R. toma C.
3. D. toma P. ou D. 5 C. R. cheque e mate.	

Do problema:
Fitas contendo amarello, 45.
Fitas sem amarello, 60.
Da carta enygmatica:—Boaventura.

UM CONSELHO POR SEMANA

Para verificar se o petroleo de que fazemos uso é de boa qualidade, isto é, convenientemente purificado, deita-se uma pequena porção do liquido em um pires, e deixa-se cair dentro d'este um phosphoro acceso. Se, depois de ter fluctuado um instante á superficie, o phosphoro se apaga como se mergulhasse n'um oleo fixo, podemos ficar certos de que o petroleo é bom.

A NOIVA

...Vou cumprir a minha promessa, descrevendo-te o romance do meu casamento.
Se não quizeres guardal-o só para ti, (o que eu preferia) faze d'elle um conto, e offerece-o, como uma boa e salutar advertencia, ás donzellas inexperientes.

*

Como sabes, fui educada em um convento, na atmosphera mystica dos psalmos e do incenso.
Sahi do parlatorio para os braços do meu noivo, tola, como uma pata, e pura como os lyrios, que nós iamos pôr, todas as sextas feiras, no altar do Senhor dos Passos.
O casamento tinha sido contratado, sem dependencia do meu voto, entre a familia do meu noivo e a minha. *Submetti-me*, não tendo absolutamente nenhuma vontade de *demittir-me*.
De resto, a primeira vez que vi Henrique, senti logo o *coup de foudre*: achei-o seductor, com o seu bigodinho loiro e o seu olhar profundo e ardente.
No dia do casamento, a nossa sala encheu-se de raparigas *chics*, vestidas pela Aline e pela Emilia de Abreu; de formosas mulheres da alta roda, espirituosas, distinctas, perfumadas, em torno das quaes os homens, irreprehensiveis nas suas casacas pretas e nas suas fardas estrelladas de condecorações, faziam circulo, disputando a honra de offerecer-lhes o braço.
Eu sentia-me acanhada e pouco attrahente, no meio d'essas brilhantes mulheres, que conheciam a fundo todos os segredos (inaccessiveis á minha ignorancia) da arte de agradar, sabendo accender com um olhar um vulcão e deixando entrever em um gesto um paraizo...
O meu vestido branco, picado de flor de laranja, a minha mantilha de uma alvura diaphana, que me tinham encantado, antes do grande dia, perderam aos meus olhos parte do seu prestigio, obscurecidos pelo esplendor de todas essas *toilettes*, carregadas de joias e flores.
A' saida da egreja, ouvi minha prima Celestina dizer, em voz

alta, ao visconde do Olmeiro: — Não acha que o vestido branco exaggera a pallidez da Georgina? Parece uma defunta!

Estremeci e agarrei-me, vacillante, ao braço de Henrique. Elle encarou-me, muito admirado, e, com uma voz tremula de beijos, perguntou-me o que eu tinha.

A' noite, no quarto, quando todos se foram embora, lancei-me nos seus braços, chorando.

Estava convencida de que elle, um rapaz de espirito, um leão da moda, não podia amar a desastrada collegial, sem graça, sem maneiras, sem uso do mundo, e que, se condescendera em casar commigo, fôra unicamente para fazer a vontade a seu pae!

Depois de muito instada, confortada pelo tepido ambiente de caricias em que elle me envolveu, confiei-lhe as minhas negras apprehensões, e terminei perguntando-lhe, no abandono da confiança que elle principiava a incutir-me, se não lhe tinham parecido mais bonitas as outras mulheres, se era eu, effectivamente, aquella que, acima de todas, preferia?

Henrique prostrou-se aos meus pés, e, com as minhas mãos nas suas e o seu olhar no meu, jurou-me, com expressão apaixonada, que essa adoravel candura, esse delicioso acanhamento e essa simplicidade, despretenciosa e ingenua, de que eu me accusava, constituiam, aos seus olhos, o meu principal encanto, a caudal purissima onde a sua alma, ebria de amor, vinha dessedentar-se.

Acreditei-o e caí-lhe nos braços, orgulhosa e feliz!

*

Seis mezes depois do nosso casamento, fomos ao baile da marqueza ***.

A' sahida, no coupé que nos reconduzia ao domicilio conjugal, meu marido disse-me:

— Não achas que a viscondessa do Olmeiro estava deslumbrante? Que esplendidos cabellos loiros! Pareciam a auréola de uma madona!

— Oh! filho, volvi, enroscando-me no fundo do coupé e fechando os olhos, pesados de somno, mas olha que a viscondessa não tem um cabello na cabeça que não seja postiço e pintado . . .!

— Já esperava essa resposta, cortou meu marido com desabrimento: as mulheres são implacaveis umas para as outras!

Estremeci, como se me houvessem ferido no coração, e fitei Henrique com um olhar estupefacto.

Era a primeira vez que eu sentia na sua voz, ordinariamente tão meiga, aquellas inflexões duras, de uma frieza aggressiva.

Decorridos oito dias, eu chorava as minhas illusões perdidas, o meu ineffavel sonho de amor extincto: adquirira a prova evidente das criminosas relações que existiam entre a viscondessa e meu marido.

A viscondessa tinha a edade enygmatica de certas mulheres, que esquecem a conta de sommar dos trinta annos em diante. Pintada, artificiosa e postiça desde os bicos dos pés até á raiz do cabello, ninguem poderia dizer, a seu respeito, onde é que terminava o artificio e onde é que começava a realidade.

Os seus cabellos, côr de gemma d'ovo, os seus languidos olhares, sublinhados a nankin, fascinavam os homens.

*

Não dirigi a menor accusação ao meu infiel marido, e planeei um estratagema, inteiramente nada conventual.

A viscondessa do Olmeiro dava um baile, para o qual recebemos convite.

Mandei fazer uma *toilette*, de uma *tapage* escandalosa, decotei-me como um conto de Crébillon filho, entreguei a minha cabeça a um cabelleireiro, para que a fizesse loira e colossalmente extravagante, e a minha cara a um caracterisador, para que a cobrisse de tintas.

Depois de concluida a triplice metamorphose, olhei para o meu pobre espelho de Veneza, que nunca imaginou ter de reproduzir na sua nitida transparencia similhantes horrores, e achei-me grotesca!

Começava a arrepender-me, a ter medo, a receiar provocar uma tempestade domestica, e dispunha-me a mandar prevenir Henrique de que não podia acompanhal-o ao baile, allegando uma subita enxaqueca, quando elle, correcto na sua casaca, florida com um pequenino raminho de verbenas, (a flôr predilecta da viscondessa!) appareceu á porta do meu toucador.

Assustada, dei um grito e fui esconder-me no vão da janella, cobrindo os hombros nús com o reposteiro.

Henrique, não comprehendendo nada, approximou-se.

De subito, no momento em que eu encommendava a minha alma a Deus, acreditando piamente que elle ia matar-me (e perdoando, de antemão, a explosão do seu justo furor), Henrique caiu-me aos pés, exactamente como em a noite do nosso casamento; depois, enlaçando-me nos braços, beijando-me nos cabellos, pintados de fresco, no nankin dos olhos, no carmim das faces, disse-me tudo quanto a paixão mais ardente póde inspirar ao amante mais feliz.

É escusado dizer que não fomos ao baile, e que a caracterisação archaica da viscondessa foi sacrificada em homenagem a outra caracterisação, muito mais moderna.

. . . .

Devo accrescentar, para tranquillidade da tua alma affectuosa e boa, que reconquistei o coração de Henrique, sem ter necessidade de continuar a pintar o cabello.

Pouco a pouco, e invocando a todo o instante a virtude milagrosa de um talisman que trago no seio, — o nosso filho, — consegui provar-lhe que os cabellos pretos tambem teem o seu merito, sobre tudo quando não são pintados, e que o contacto das faces bezuntadas de carmim, offerece, entre outros inconvenientes, o de sujarem a bocca e estragarem o beijo.

GUIOMAR TORREZÃO.

A ORAÇÃO DA PEREGRINA (Quadro de Frederico Proelss)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA